

# **Modos de endereçamento e reendereçamento: as apropriações de um filme por professores de medicina em aulas de Psicologia Médica**

## **Modes of address and re-address: appropriations of a film by medical teachers in Medical Psychology classes**

**Américo de Araujo Pastor Junior<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES/UFRJ  
americo@ufrj.br

**Luiz Augusto de Coimbra Rezende Filho<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES/UFRJ  
luizrezende@ufrj.br

**Marcus Vinícius Pereira**

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ  
marcus.pereira@ifrj.edu.br

**Wagner Gonçalves Bastos**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ  
wgnutes@gmail.com

Financiamento: (1) CNPq; (2) FAPERJ.

### **Resumo**

Neste estudo investigamos a apropriação de um filme por professores, buscando compreender como são articulados os significados presentes neste filme, as intenções pedagógicas dos professores e as leituras produzidas pelos estudantes. Trabalhamos com o conceito de modo de endereçamento para caracterizar o modo como o filme aborda o seu espectador e como esse se posiciona em relação ao filme. O estudo foi conduzido no contexto da formação médica e contou com observação de aulas, análise do filme utilizado e das interações entre professores e alunos após a exibição do mesmo. Como resultado, os professores tenderam a conduzir a leitura do filme em direção a seus próprios entendimentos dos tópicos e objetivos pedagógicos da disciplina, buscando controlar as leituras dos alunos. Contudo, os estudantes apresentaram resistências a essa tentativa de controle, produzindo leituras com relativa autonomia, articulando-as com suas experiências no contexto educativo em que ocorreu essa apropriação.

**Palavras chave:** vídeo educativo, estudo de recepção, educação médica.

### **Abstract**

In this study we investigated the appropriation of films by teachers seeking to understand how the meanings of a film, teachers' pedagogical intentions and students' readings are articulated. We adopt the concept of mode of address to characterize how the film approaches its audience and how the spectator is positioned in relation to the film. The study was conducted

in the context of medical education and included classroom observation, analysis of the film and of the interactions between teachers and students after the exhibition. The results pointed out that teachers tend to conduct the reading of the film towards a larger conformity with their understandings of the pedagogical topics and objectives of the course, seeking to control students' own readings. However, the students showed resistance to this attempt of control, producing readings with relative autonomy, articulating these meanings with their experiences in the educational context in which the appropriation occurred.

**Key words:** educational video, reception studies, medical education.

## Contextualização

Apesar dos vídeos estarem presentes com certa frequência nas salas de aula, suas apropriações nem sempre são acompanhadas de uma reflexão que articule as características da obra com o contexto de uso e os sujeitos envolvidos. Segundo Martín-Barbero (2000), a TV e o cinema não têm sido pensados e utilizados como um meio de se criar cultura na relação entre comunicação e educação, mas apenas como um meio para transmitir, difundir e divulgar informações. Nas produções acadêmicas das áreas de Educação, Ensino de Ciências e Educação em Saúde, é frequente a compreensão de que os vídeos em sala de aula: podem despertar a atenção e a curiosidade, reforçar o interesse e a motivação de alunos, transportar fatos cotidianos para o momento do processo educativo, servir à introdução de novos assuntos, além de promover a aquisição de experiências, conhecimentos, emoções, atitudes e sensações (FERRÉS, 1996; ARROIO e GIORDAN, 2006; BLASCO *et. al.*, 2005). Por outro lado, alguns desses pressupostos apresentados como vantagens para o uso de vídeos em sala de aula podem ser questionados, uma vez que raramente são objeto de pesquisas empíricas. Nesse sentido, para Worth (1981), em que pese a data de sua publicação, a maioria desses pressupostos está sustentada na crença em haver uma universalidade e transparência da linguagem audiovisual em comunicar para diferentes culturas, idades e gêneros, e na crença de uma primazia psicológica e social das imagens sobre as palavras. Diante disso, é notável a importância da inclusão de uma discussão dessas pressuposições quando da produção científica voltada ao estudo das apropriações de vídeos nos contextos educativos.

Em nossas produções recentes buscamos desenvolver essa discussão com o auxílio do aporte teórico oferecido pelos Estudos Culturais, sobretudo por meio dos trabalhos de Stuart Hall (2003) e Ellsworth (2001). Hall, a partir da crítica ao modelo de comunicação tradicional (emissor-mensagem-receptor), propõe pensar as dinâmicas de comunicação como processos complexos, multilineares, multidimensionais e multidirecionais, por meio dos quais os sujeitos envolvidos negociam e produzem sentidos. Assim, o autor propõe a superação de um modelo em que emissores deteriam o poder da significação, por outro modelo, o qual denomina codificação/decodificação, em que ambos negociam os sentidos produzidos, para tanto mobilizando códigos/recursos culturais por eles compartilhados. Para Hall (2003) e Morley (1996), uma mensagem, antes de produzir algum efeito, precisa ser decodificada, e esta *decodificação* é feita pelo espectador sob referenciais de conhecimento, ideologia e cultura que são quase sempre diferentes dos utilizados na *codificação* (produção). Hall chama de *significado preferencial* o sentido que os produtores preferem quando produzem uma obra, e entende que, apesar de não prescrever a leitura, o *significado preferencial* pode estabelecer limites às leituras produzidas pelos espectadores. Nesse posicionamento fica claro que não há uma prevalência das intenções dos produtores, nem das dos espectadores – há uma negociação de sentidos.

Nessa mesma linha, Ellsworth (2001) afirma que os filmes imaginam potenciais espectadores, oferecem-lhes papéis forjados no interior de relações sociais presentes nos filmes na forma de

uma posição a partir da qual os potenciais espectadores poderiam produzir os sentidos esperados pelos produtores. A esse modo de abordagem a autora denomina modo de endereçamento, que pode ser resumido em três perguntas: *Quem esse filme pensa que é seu espectador? Quem esse filme quer que seu espectador seja? Quem o espectador pensa que ele é?* A adesão a esses papéis e posições também se dá por meio da negociação, mediada pela obra audiovisual, entre produtores e receptores (espectadores). Para a autora, os modos de endereçamento são formas de tentar fixar leituras, tentativas dos produtores em antecipar as reações e as formas de produção de sentido dos espectadores, buscando fixá-los em um ponto de vista do qual devem assistir ao filme e que resulte em um determinado modo de interpretá-lo. Desta forma, o modo de endereçamento é uma estruturação das relações entre o filme e seus espectadores, e não algo que reside inteiramente na obra. Por ser uma relação, o modo de endereçamento é invisível, não localizável.

As negociações relativas à codificação e à decodificação de uma obra audiovisual e ao seu modo de endereçamento ocorrem no espaço social em que a obra circula e é utilizada. Ellsworth (2001) afirma que o modo de endereçamento está justamente nesse espaço social, e não apenas na obra. Nesse sentido, propomos pensar que no espaço social de utilização e apropriação de um vídeo ou filme, como uma sala de aula, pode haver uma modificação ou adaptação dos sentidos e modos de endereçamento originalmente pretendidos. Isso pois, ao se apropriar de um filme em uma determinada aula, o professor articula o discurso da obra com outros tantos presentes e circulantes naquele contexto educativo. Tais articulações, recontextualizações e mediações são fatores relevantes e influentes na modificação do modo de endereçamento de filmes em suas apropriações na educação.

Essa apropriação de vídeos na educação tem sido um de nossos objetos de estudo. Um dos contextos que desenvolvemos tais estudos é a educação médica, na qual, frequentemente, são utilizados filmes como um recurso para a discussão de temas como a humanização da prática médica (BLASCO *et al.*, 2005; CEZAR, GOMES e SIQUEIRA-BATISTA, 2011; DANTAS, MARTINS e MILITÃO, 2011), sobretudo para contribuir à formação de alunos que futuramente estabeleçam relações médico-paciente (RMP) mais empáticas (WONG *et al.*, 2009; KLEMENC-KETIS e KERSNIK, 2011). Contudo, resta saber em que medida tais assuntos e abordagens são valorizadas nas obras utilizadas e/ou nas apropriações delas pelos professores em sala de aula.

Para melhor compreender essa última questão, conduzimos um estudo empírico que buscou investigar como professores se apropriam de obras da indústria cinematográfica em suas aulas de Psicologia Médica. Essa disciplina faz parte da grade curricular de Medicina e aborda a humanização da prática médica e a importância do estabelecimento de relações médico-paciente mais empáticas, e, frequentemente, faz-se uso de filmes como meio de proporcionar vivências, experiências e reflexões nem sempre oportunizadas no curso de Medicina, dada a ênfase nos conteúdos biomédicos. A Psicologia Médica busca provocar a ascensão do pensar biopsicossocial complementar ao biológico, conscientizando os futuros médicos para a complexidade do campo de sua atuação, para as determinantes sociais de sua atividade e, principalmente, para a importância de uma RMP humanizada e integral (CORDEIRO, GIRALDO e TURATO, 2010; LUCCHESI, ABUD e DE MARCO, 2009; SILVA *et al.*, 2009; MARCO *et al.*, 2009; MUNIZ e EISENSTEIN, 2009; QUINTANA *et al.*, 2008; CORTOPASSI, LIMA e GONÇALVES, 2006).

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar apropriações, adaptações e mediações feitas por professores de Psicologia Médica em uma aula em que utilizam um filme comercial de longa-metragem, e compreender que sentidos são produzidos pelos estudantes a partir da sua apropriação. Assim, buscamos investigar: os significados pretendidos pelos produtores da obra (significado preferencial); o modo como essa obra

aborda os seus espectadores, que posições os espectadores adotam para entrar em contato com a obra e que identidades são por eles mobilizadas para a produção de sentido (modo de endereçamento); que modificações, articulações e adaptações os professores empreendem no sentido da obra e nas leituras efetivamente produzidas quando se apropriam do filme em suas aulas (mediação). Tendo por base os aportes teóricos apresentados, acompanhamos um semestre letivo das aulas de Psicologia Médica, nas quais há regularmente a exibição de um filme, analisamos esse filme, observamos as reações dos sujeitos durante a exibição e a posterior discussão mediada pelos professores. Os sujeitos dessa pesquisa são dois professores e 25 estudantes do curso de Medicina de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Para análise das transcrições do grupo de discussão foi utilizada a análise de conteúdo temática de Bardin (2009).

## Resultados

Ao longo de um semestre acompanhamos 15 aulas ministradas por dois professores e cinco seminários apresentados em grupo por alunos. As aulas de Psicologia Médica se voltam à valorização das habilidades comunicativas e ao reconhecimento dos diversos determinantes socioculturais como principais meios de produção de uma boa RMP. Fazem isso por meio da exposição de conceitos, de exemplos de casos vivenciados e da utilização de vídeos que ilustram os conceitos apresentados e buscam favorecer uma vivência da perspectiva e da subjetividade do paciente, isto é, favorecer o surgimento de uma relação empática com o paciente. Por outro lado, nos seminários os estudantes utilizaram vídeos que abordavam, predominantemente, a perspectiva do médico, o contato com problemas médicos e as respostas emocionais a eles relacionadas. Essa escolha se deveu, provavelmente, ao fato de os alunos cobrarem maior clareza sobre a aplicação prática das teorias e conceitos apresentados na disciplina (Como fazer? Como agir?) e demandarem reflexões específicas dos aspectos ligados à prática médica, por exemplo, a saúde do médico e os limites da prática médica.

No encontro final da disciplina, anterior à última prova, a atividade consistiu na exibição do filme *Um golpe do destino* (UM GOLPE, 1991) selecionado pelos professores, seguida por uma discussão entre eles e seus estudantes. O filme se baseou no livro de Edward Rosenbaum, de 1988, intitulado *Taste of my own medicine: when the doctor is the patient* (Provando de meus próprios remédios: quando o médico é o paciente) e conta uma história centrada na vida de um renomado cirurgião (Jack) que se relaciona com indiferença com seus pacientes. Seu relacionamento com sua família segue a mesma dinâmica. Esse personagem começa a rever suas atitudes quando recebe um diagnóstico de câncer. Ao ser tratado com frieza pelos médicos que conduzem seu tratamento, Jack repensa sua prática médica.

A análise do filme permitiu, principalmente, reconhecer que os produtores buscam favorecer a identificação dos potenciais espectadores com a mudança que ocorre com o protagonista durante o filme. Para isso, ele está sempre presente nas cenas e os principais personagens coadjuvantes parecem “personificar” algumas de suas características, facilitando a crítica a esses aspectos (da frieza e distanciamento na RMP no início ao afeto e acolhimento no final do filme). Dois médicos representam perfis semelhantes ao protagonista no início do filme (perfil criticado) e um representa o perfil final do protagonista (médico de RMP mais humanizada). Isso possibilita um encontro entre o protagonista do início e o do fim do filme (Jack chega a ser “atendido por ele mesmo”). A estrutura do filme também valoriza a defesa desse perfil de médico na medida em que o filme é composto por três principais trechos nos quais o protagonista é representado, inicialmente, como um médico desumano, depois como um paciente fragilizado, e, ao final, como médico “humanizado”.

Com base na análise filmica realizada é possível dizer que o *significado preferencial* do filme é: todo médico é um paciente em potencial, e se for um médico que trata com frieza as pessoas, os pacientes, quando for um paciente, estará sozinho, pois não saberá se aproximar de quem pode ajuda-lo, nem de sua família. Todo médico deve reconhecer a humanidade de seus pacientes para que a sua seja também reconhecida por seus colegas e familiares. Esse *significado preferencial* estabelece uma relação estreita com o modo de endereçamento do filme, sobretudo com as duas primeiras perguntas postas por Ellsworth (Quem esse filme pensa que é seu espectador? Quem esse filme quer que seu espectador seja?).

Como um filme voltado a públicos habitualmente consumidores de obras hollywoodianas, e não especificamente a médicos ou estudantes de medicina, o filme parece ser construído dentro de uma perspectiva hegemônica marcada pelo protagonismo do homem-branco-adulto-heterossexual. A inclusão, pela diretora, da dimensão familiar na estória original valoriza aspectos relacionados à vida familiar do protagonista, o que leva ao drama relativo às consequências da atitude fria e distanciada do personagem em suas relações pessoais também para o âmbito familiar. Essa adaptação parece ser uma tentativa de atrair o público feminino, habitual consumidor desse gênero filmico. Com base nisso, é possível supor que o filme originalmente pense que os espectadores sejam homens e mulheres, heterossexuais e brancos, ou seja, tem um endereçamento potencialmente amplo, como é habitual na indústria cinematográfica. Diante disso, é relevante pensar que esses espectadores são, em maior parte, pacientes em potencial que, ao assistirem ao filme, passam a experimentar a perspectiva dos médicos. Uma das evidências disso pode ser encontrada, por exemplo, em um dos materiais impressos de divulgação do filme (cartaz do filme), em que o sujeito do texto desse material se coloca na posição do paciente, referindo-se aos médicos como *eles*, o outro<sup>1</sup>. Com relação à segunda pergunta referente ao modo de endereçamento, é possível dizer que o filme parece esperar que os espectadores sejam, sobretudo, pacientes capazes de reconhecer uma boa RMP e, eventualmente, se colocar contra, defenderem e exigirem mudanças quando tratados de maneira fria e distante. Desse modo, espera-se que os espectadores assumam uma posição crítica em relação aos personagens médicos mais frios e distantes e estabeleçam alguma identificação com o protagonista. Por outro lado, a apropriação do filme feita na disciplina de Psicologia Médica tende a valorizar um reendereçamento aos estudantes futuros médicos.

Durante a exibição do filme na aula de Psicologia Médica, não houve qualquer mediação prévia por parte dos professores. Alocados em um dos auditórios comumente utilizados nas demais aulas, os estudantes pareciam, inicialmente, estar em uma sala de cinema (inclusive consumiam pipoca, se agrupavam por afinidades e desenvolviam conversas animadas). Nos 15 minutos iniciais do filme era fácil escutar risos provocados pelas piadas irônicas do protagonista (em geral, quando atendia seus pacientes). Após isso, momento em que o médico protagonista começa a vivenciar a experiência de ser paciente, o silêncio vai, gradativamente, tomando conta do auditório à medida em que o filme mostra sua face mais dramática. Na parte final foi possível notar que algumas estudantes estavam chorando.

Apesar de estarem presentes aproximadamente 25 estudantes, apenas dez efetivamente participaram da discussão após a exibição, que foi mediada pelos dois professores. A participação dos professores foi predominante em tempo e frequência de fala, ao lançarem questões que os estudantes brevemente ponderavam e respondiam, mas não discutiam entre si. Quando os estudantes se aproximavam de algum ponto problemático e pareciam encaminhar um debate mais direto entre si, os professores tomavam a palavra e seguiam com ponderações que pareciam buscar conectar o ponto do filme que estava sendo discutido a algum tópico

---

<sup>1</sup> Nós colocamos nossa fé nas suas habilidades. Nós colocamos nossa vida em suas mãos. Mas cedo ou tarde nós compreendemos que eles são apenas humanos. E esperamos que eles percebam... que nós também somos.

estudado na disciplina. Por outro lado, os estudantes também produziram, em suas falas, diversas conexões que extrapolavam a aparente expectativa de resposta dos professores. Já na primeira fala do Professor 1 (P1) fica clara que leitura ele acredita ser a mais adequada, ou seja, que significado é preferido por ele para o filme.

*Esse filme vai contar a história de um médico que vira paciente. E realmente, assim... um tem que se colocar no lugar do outro. Infelizmente, a gente nem sempre chega, né... É melhor tá do lado do jaleco branco.*

Inicialmente P1 demarca a dimensão da empatia (*tem que se colocar no lugar do outro*), depois adota um discurso em que prevalece mais a percepção do paciente como um obstáculo para a boa RMP e aponta um meio de lidar com esses obstáculos. Já o Professor 2 (P2) favorece a percepção do médico como o obstáculo para a boa RMP. Enquanto P1 faz diversas tentativas de valorizar uma leitura específica do filme, P2 parece favorecer uma discussão mais ampliada na qual os estudantes podem participar mais ativamente. Enquanto P1 faz esforço para “explicar” o filme aos alunos, P2 busca construir questões a partir do filme, questões que conectem o filme à disciplina. Ambas as mediações se constituem como tentativas de “reendereço”, de recorte, ênfase ou alteração do significado preferencial do filme. A tentativa de P1 é bem mais intensa, uma vez que a frequência de suas falas é, em número, igual a de todos os alunos juntos, e tomam um tempo total maior do que as falas de todos os alunos.

Contudo, a forte mediação de P1 não foi suficiente para exercer controle sobre as leituras produzidas pelos alunos. Na maior parte das vezes, quando os mediadores se opunham ao filme, os estudantes tenderam a concordar mais com a perspectiva defendida pelo filme, resistindo às perspectivas defendidas pelos professores. Os estudantes demonstraram acreditar que o filme retrata um processo de transformação de um médico frio e distante em suas relações pessoais e profissionais que, ao se ver na posição de paciente, se sente vulnerável e percebe a distância que ele manteve das pessoas. Essa percepção provoca mudanças em sua vida pessoal e em sua prática médica, a qual ele passa a desenvolver com atenção mais humanizada aos pacientes e dos quais ele se aproxima mais (empatia, compaixão e envolvimento).

Sobre o reendereço, com base nos resultados acima apresentados, é possível dizer que os professores (sobretudo P1, por sua predominância) pensam que os espectadores do filme são estudantes imersos em um currículo de ênfase biomédica, com poucas oportunidades de abordar a importância da humanização da RMP, e com dificuldade de compreensão da mensagem que o filme supostamente teria a lhes passar. É importante lembrar que P1 tenta “explicar” o filme e, assim, ele pensa que os espectadores, como futuros médicos, precisam reconhecer seus limites na prática médica causados por obstáculos colocados pelos pacientes. Sob essa ótica, os pacientes seriam obstáculos os quais a Psicologia Médica deveria ensinar a melhor superar/contornar.

Ao responder à terceira pergunta (Quem o espectador pensa que ele é?), é possível dizer que houve uma tendência a prevalecer o endereçamento (significado preferencial) sobre o reendereço (mediação), ou seja, as tentativas de controle ou adaptação empreendidas por meio da mediação dos professores não foram suficientes para modificar a abordagem que o filme faz aos espectadores. Os estudantes parecem pensar que são (futuros) médicos que precisam desenvolver uma RMP mais humana, e que (potenciais) pacientes gostariam de receber tal atendimento. Isso foi percebido na concordância dos estudantes com o argumento defendido pelo filme e na identificação deles em maior parte com o protagonista em seus dois momentos no filme (médico e paciente). Os espectadores viram os obstáculos a uma boa

RMP principalmente nos médicos. Isso demonstra acordo com o filme e com P2 e desacordo com a mediação empreendida por P1.

## Considerações finais

No presente estudo foi possível identificar que os professores se apropriam de obras audiovisuais de acordo com os tópicos e objetivos pedagógicos da disciplina. Entretanto, essa articulação nem sempre é tarefa fácil, uma vez que, no caso de filmes provenientes da indústria cinematográfica, as obras não são produzidas para atender a tais objetivos, direcionarem-se a públicos escolares específicos, ou abordar de modo coerente assuntos discutidos em uma disciplina. Diante disso, ao utilizar um filme em sala de aula, os professores podem adotar posições de mediação mais rígidas, no sentido de buscar fixar uma determinada leitura por seus alunos.

Na apropriação do filme analisada pudemos identificar que houve uma tentativa de adaptação dos sentidos e abordagens aos espectadores pretendidos pelos produtores do filme para melhor se adequar aos objetivos da disciplina e dos professores, por vezes distinta das intenções originais da obra. Para reforçar essa adaptação pretendida, os professores tiveram de desempenhar uma rígida mediação, chegando, em alguns momentos, a “explicar” o filme, ou seja, o que os estudantes deveriam entender do filme. Apesar dessa tentativa, os estudantes resistiram às adaptações e produziram suas leituras, em maior parte, com base em sua relação direta com o filme, ou seja, com pouca relevância da mediação dos professores.

Por outro lado, foi notável a influência exercida pelo contexto no qual o filme foi exibido, ou seja, em uma disciplina de um curso específico. Os estudantes tenderam a articular suas leituras mais com os diversos sentidos produzidos e em circulação na Psicologia Médica, do que com experiências externas a esse contexto. Essa articulação contribuiu para a produção de um recorte do significado pretendido com a obra.

O objetivo da apropriação do filme – favorecer a formação de relações empáticas, mais humanizadas, por parte dos futuros médicos em relação aos pacientes – foi alcançado. No entanto, isso não parece ter se dado exatamente como os professores pretendiam, uma vez que nem o filme em si, nem a mediação dos dois professores foram exclusivamente determinantes. Assim, os espectadores desfrutaram de autonomia na produção de sentidos, resultado que pretendemos corroborar com outros estudos que já vêm sendo conduzidos em contextos educativos distintos, seja pela disciplina (ensino de ciências), seja pelo nível escolar (educação básica), entre outros.

## Agradecimentos e apoios

CAPES, CNPq e FAPERJ.

## Referências

- ARROIO, A.; GIORDAN, M. O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino. *Química Nova na Escola*, São Paulo, n. 24, 2006.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA. 2009.
- BLASCO, P. G.; GALLIAN, D. M. C.; RONCOLETTA, A. F. T.; MORETO, G. Cinema para o estudante de medicina: um recurso afetivo/efetivo na educação humanística. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.29, n.2, 2005.

- CEZAR, P.; GOMES, A.; SIQUEIRA-BATISTA, R. O cinema e a educação bioética no curso de graduação em Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.35, n.1, 2011.
- CORDEIRO, S. N.; GIRALDO, P. C.; TURATO, E. R.. Questões da clínica ginecológica que motivam a procura de educação médica complementar: um estudo qualitativo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.34, n.2, 2010.
- CORTOPASSI, A. C.; LIMA, M. C. P.; GONÇALVES, I. J. Percepção de pacientes sobre a internação em um hospital universitário: implicações para o ensino médico. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.30, n.2, 2006.
- DANTAS, A. A.; MARTINS, C. H; MILITÃO, M. S. R. O cinema como instrumento didático para a abordagem de problemas bioéticos: uma reflexão sobre a eutanásia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.35, n.1, 2011.
- ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema. In: SILVA, T. T. (Org.). *Nunca fomos humanos: metamorfoses da subjetividade contemporânea*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERRÉS, J. *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2. ed., 1996.
- HALL, S. Reflexões sobre o modelo de Codificação/Decodificação (entrevista com Stuart Hall). In: SOVIK, L. (Org.). *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KLEMENC-KETIS, Z. E.; KERSNIK, J. Using movies to teach professionalism to medical students. *BMC Medical Education*, v.11, n.60, 2011.
- LUCCHESI, A. C.; ABUD, C. C.; DE MARCO, M. A. Transferências na formação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33, n. 4, 2009.
- MARCO, M. A.; LUCCHESI, A. C.; DIAS, C. C.; ABUD, C. C.; MARTINS, L. A. N. Semiologia integrada: uma experiência curricular de aproximação antecipada e integrada à prática médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33, n. 2, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*, n.18, p.51-61, 2000.
- MUNIZ, J. R.; EISENSTEIN, E. Genograma: informações sobre família na (in)formação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33, n. 1, 2009.
- MORLEY, D. Interpretar televisión: la audiencia de Nationwide. In: \_\_\_\_\_. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- QUINTANA, A. M.; RODRIGUES, A. T.; ARPINI, D. M.; BASSI, L. A.; CECIM, P. S.; SANTOS, M. S. A angústia na formação do estudante de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 32, n. 1, 2008.
- SILVA, F. B.; MASCIA, A. R.; LUCCHESI, A. C.; DE MARCO, M. A.; MARTINS, M. C. F. N.; MARTINS, L. A. N. Atitudes frente a fontes de tensão do curso médico: um estudo exploratório com alunos do segundo e do sexto ano. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.33, n.2, 2009.
- UM GOLPE do destino (The doctor). Direção: Randa Haines. Produção: Edward S. Feldman. Touchstone Pictures Studio, EUA, 1991. Formato: 122 min.
- WONG, R.; SABER, S.; MA, I.; ROBERTS, J. M. Using television shows to teach communication skills in internal medicine residency. *BMC Medical Education*, v.9, n.9, 2009.
- WORTH, S. The Uses of Film in Education and Communication. In: GROSS, L. (Ed.). *Studying Visual Communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.